

O MACHISMO OCULTO

Milton Maciel

(in A BELA MORDE A FERA – Ellen Snortland. IDEL, 2009 – 304 pg.)

Pg 289

– O que que entende mulher de capação de touro?

A frase era terminal, certa, incontestável. Com ela liquidávamos com qualquer menina que quisesse dar opinião, fosse qual fosse o assunto. Éramos fortes, éramos bravos, éramos machos gaúchos! Os *tauras*, os *baguais*, os superiores.

Com essa frase magistral decretávamos que aquele assunto em conversa extrapolava a limitada e pobre competência das mulheres: era assunto de homem! E desde quando mulher entende de assunto de homem? Desde quando mulher sabia como é que um macho gaúcho capava um touro? Sim, *capar*, que era na verdade *castrar*, era um processo corriqueiro nas fazendas, quando se removia os testículos de um bezerro para impedir que ele crescesse como um macho inteiro, virando um touro. Emasculando-o, nós o condenávamos a ser boi apenas. Aos cordeiros castrados chamávamos de *capões*. Um capão nunca chegaria a ser um carneiro macho e valente, um reprodutor.

Irônico que não percebêssemos, então, que nossa frase lapidar para afastar as mulheres – aqueles seres inferiores e incompetentes – das nossas discussões, fizesse alusão exatamente ao processo de *castração* de outros machos poderosos: touros e carneiros, que seriam bois e capões até o abate, seu único destino possível. Aludíamos à castração de um macho, mostrando como nós éramos poderosos e inalcançáveis.

– *O que que entende mulher de capação de touro?*

A frase era pronunciada em voz bem alta, com olhar de desprezo, afirmando nossa superioridade. Não deixávamos qualquer dúvida e não dávamos margem a qualquer contestação. E as meninas acatavam, murchavam, cumpriam seu papel de submissas. Afinal, que entendiam elas sobre o processo de castrar um touro?

Mas, nós mesmos, meninos de 11 anos da primeira série do ginásio, animaizinhos urbanos, *também não entendíamos nada* de capação de touro! Nenhum de nós, jamais, havia pegado uma faca para cortar o saco escrotal de um pobre bezerro manietado e extrair-lhe os testículos. Incrível que jamais, em momento algum, nunca mesmo, uma só daquelas

290

meninas tivesse contestado nossa pretensa competência. Éramos homens e elas... bem, eram *só* mulheres. Ficava implícito que nós, como machos, devíamos entender de capação de touro. E elas, como fêmeas, jamais seriam admitidas em tal serviço de macho. Logo, jamais entenderiam do assunto. Uma salutar reserva de mercado, em resumo.

A César o que é de César, aos homens o que é dos homens. E às mulheres?

Bom, sempre haveria as bonecas; e a vassoura, o tanque, o fogão, as fraldas e os absorventes. Parecia de bom tamanho, para que haveriam elas de querer mais?

– Mulher tem cérebro de galinha! As mais inteligentes, têm dois cérebros de galinha.

Assim o pai de um dos nossos colegas de classe, médico renomado, definia a inteligência feminina - com laivos de generosidade, admitindo a possibilidade da biencefalidade galinácea de algumas mulheres, um pouquinho menos tapadas do que as outras. Nós, os guris do ginásio, ficávamos extasiados com aquela demonstração de superioridade masculina, vinda de um homem de cinqüenta anos, autoridade incontestada, um médico! E saíamos repetindo a frase do doutor, para alegria dos outros meninos e para chatear todas as meninas que encontrássemos.

Em nossa cidade de trinta mil habitantes não existia, nos anos 50 do século passado, nenhuma médica. De qualquer forma, era mesmo um caso perdido. As criaturas eram limitadas de cabeça e, ainda por cima, não entendiam nada de capação de touro. Que dirá de medicina!

Ah, também não havia nenhuma mulher advogada, é óbvio. Jornalistas? Os poucos que havia no jornal local, um semanário, eram todos homens, é claro. Havia uma única exceção: o colunista social. Mas esse não era considerado homem, porque não era um macho gaúcho. O sujeito era “fresco”, *maricas*, como se dizia então. Era pior do que mulher, era um traidor do gênero, um quinta coluna imiscuído em nossa seara, que merecia todo o desprezo e zombaria que recebia de todos os machos autênticos. E nós, do alto dos nossos onze anos, éramos machinhos autênticos, do que nos orgulhávamos demais!

291

Como afirmava o médico ilustre, mulheres eram seres de inteligência limitada. O melhor aluno de toda a escola havia sido meu irmão, três anos mais velho que eu. E eu herdei sua posição e cetro, tendo o mesmo sucesso escolar. Logo, os homens eram mesmo superiores intelectualmente! Mesmo com dois cérebros de galinha, as meninas mais espertas jamais nos alcançariam...

Meio século depois, olhando para trás, mal consigo distinguir onde é que toda aquela babaquice começou. O mundo mudou, graças às mulheres que ousaram mudar o mundo. Tive o prazer e o encanto de conhecer e conviver com mulheres inteligentíssimas, verdadeiras líderes e pioneiras nos mais diversos campos da atividade humana – a maior parte dos quais pertencia até então à ‘reserva de mercado’ masculina. E sabe o que?

Bem, nenhuma delas entendia de capação de touro!

Muito menos eu, graças a Deus. Então eu sou forçado a me perguntar? Como é que nós podíamos ser tão babacas? E como é que as meninas podiam ser tão bobocas?

Ora, agora é fácil responder: ***Machismo!*** Exatamente por causa do machismo, esse filho degenerado de gênio hirsuto, esse aleijão brotado do ventre da revolução agrícola do Neolítico. Sim, agora é muito fácil entender o que aconteceu comigo e com meus coleguinhas de 11 anos. Entender que isso não começou ali, naquela idade, mas muito antes. Desde a mais tenra infância, diriam muitos. Desde o berçário, garantiriam outros. As pessoas mais ousadas afirmariam: desde o ventre da mãe. Mas todos estariam errados: a força devastadora que nos ensinou que as mulheres eram inferiores já era velha de 10 000 anos ou mais. **Era uma força arquetípica!**

Personificados nos grandes mitos do deus Cronos castrador, do herói solar e do guerreiro marciano, os arquétipos vivos da cultura agrícola patriarcal penetraram todo o mundo em que, crianças, orbitávamos. Como não sermos todos, meninos e meninas, atingidos e esmagados por esse rolo compressor? Nós, machos, tínhamos que ser fortes, bravos, brigões, exibicionistas, egoístas, brilhantes e autoritários. Elas, as femeazinhas, tinham que se acomodar a seus papéis submissos: lunares, de grandes-mães; coquetes, de Afrodites. Brincariam de boneca, de

292

casinha e comidinha, até que a força hormonal da pré-puberdade muito cedo as fizesse ir atrás de roupas mais justas e mais curtas, de estojos de maquiagem, de fotografias de galãs de cinema. Nós, os machos de verdade, brincaríamos de mocinho e bandido, portaríamos armas de brinquedo, formaríamos nossos bandos e brigariamos para valer com bandos rivais, de soco, de *bodoque* (estilingue), de pedra e de pau.

Ah, e no devido tempo, mostraríamos os tais dos paus, mas agora com outro sentido, uns aos outros, para ver quem tinha o maior. Um pouco mais adiante, quando já soubéssemos nos masturbar, os concursos se sofisticariam: já não era apenas uma questão de saber quem tinha o *maior* e de saber quem tinha o *mais grosso*. Agora avaliava-se e glorificava-se quem ‘acabava’ primeiro e quem jogava mais longe aquilo que saía lá de dentro. Mais de uma vez, nessas competições entre dez ou mais meninos, acabávamos brigando, porque dificilmente concordávamos todos com o julgamento que estabelecia o vencedor. E o pior é que não dava para repetir a prova na mesma hora, como tira-teima.

Quer dizer, esqueci que havia aqueles guris que eram exceção, que podiam partir para uma segunda, tão logo terminassem a primeira. Esses também podiam se vangloriar de serem mais machos. Devo confessar que nunca fui vencedor nessas contendas, em nenhuma das modalidades. Na época isso era muito incômodo para mim. Só muitos anos depois fui entender que, com a minha mania de precocidade, eu andava muito mais com os amigos e com a ‘turma’ do meu irmão mais velho do que com os meninos da minha exata faixa etária, a minha turma. Tanto é que, nas brigas com a “barra” dos

uruguaio, eu e um outro garoto da minha idade éramos destacados a para a humilhante tarefa de ficar dias e dias quebrando e raspando pedras de arenito, para fazer as pedras que seriam arremessadas pelos bodoque (estilingues) dos meninos maiores, na séria intenção de quebrar alguma cabeça uruguaia.

Nasci e cresci em uma cidade gaúcha fronteiriça, Santana do Livramento, que faz divisa com a cidade uruguaia de Rivera, através de uma rua somente. Era uma estranha divisa, na verdade era uma só cidade, dividida ao meio por uma rua e duas nacionalidades. Vivia-se na maior harmonia com os uruguaio. Gente boa, honesta e

293

trabalhadeira, tinham conosco a diferença no idioma e a semelhança na intolerância cega aos argentinos. Esta, uma bobagem apenas, servia para nos manter unidos, tínhamos um inimigo comum. A outra, a diferença de idiomas, não causava o menor problema: todos sabíamos falar as duas línguas; brasileiros falavam espanhol, uruguaio falavam português. Os dois idiomas se interpenetravam completamente, eram ajudados para isso pelas inúmeras famílias formadas por gente dos dois países. Minha mãe, tios e meus avós eram todos uruguaio. Meu pai e todos os seus parentes eram brasileiros. Um dos meus tios paternos era casado com uma mulher uruguaia. Era gerente de uma loja no lado uruguaio da cidade (quer dizer, em Rivera) e seus filhos – meus primos – eram uruguaio por nascimento e opção. Estudavam em escola uruguaia e, diferentemente da maioria dos meus primos, falavam primeiro em espanhol. Não é de admirar que, por meio desse caldeamento, os dois idiomas acabassem por se fundir e mutuamente influenciar: o verdadeiro idioma daquela fronteira era chamado de portunhol.

Nossa harmonia com os uruguaio era total. A única grande briga coletiva aconteceu quando o Uruguai tomou a copa do mundo do Brasil em pleno Maracanã, em 1950. Uma carreta uruguaia desfilava na avenida principal das duas cidades, perpendicular à rua de fronteira. Quando a carreta entrou no lado brasileiro da avenida, o pau comeu, nossos patrícios, de cabeça inchada, não souberam perder. Mas, no outro dia, só se falava no incidente para lamentar e criticar os afoitos dos dois lados. Tudo como dantes no quartel de Abrantes, a paz voltou a reinar para sempre. Para reforçá-la valeu o fato de o Uruguai nunca mais ter ganhado uma copa do mundo do Brasil.

Mas, quando o assunto era briga de bandos, aí a paz era quebrada. Mas era estranho o nosso pacto: continuávamos amigos depois das brigas, ainda que muitos de nós estivéssemos com sérias escoriações e, muitas vezes, alguns pontos na cabeça. Aqueles pontos e bandagens eram portados por nós com enorme orgulho, eram nossas condecorações, provas evidentes de que havíamos sido feridos em batalha – éramos comprovadamente machos, portanto! As “barras”, como os uruguaio denominavam os seus bandos, eram bem vindas para a batalha no lado do Brasil. Da mesma forma, tínhamos boa recepção do lado uruguaio

294

da cidade, quando era a nossa vez de levar a “guerra” ao “território inimigo”. A alternância nas invasões era respeitada com todo o rigor, assim com a nossa ética de combate.

Se alguém fosse ferido no olho, por exemplo, o que não era lá muito raro, a batalha era automaticamente encerrada e batíamos todos em retirada, agora menos heróicos e um pouco assustados; afinal, em tais casos mais sérios, costumava haver intervenção de pais irados. Mas não era nada incomum que o ferido em batalha na vista acabasse levando uns bons cascudos do próprio pai ou de um irmão mais velho, por ter voltado derrotado ao ponto da incapacitação.

Fora isso, os pais sempre faziam vistas grossas aos nossos combates, quando não os estimulavam com entusiasmo, contando-nos seus sempre fantásticos feitos heróicos de guerreiros-mirins, quando, no tempo deles, “aí sim é que se *peleava* de verdade, não nestes tempos de *guris flochos* (frouxos) e *maulas* (fracos) que nem vocês”.

Tais comentários, é claro, atizavam nossa ferocidade. As mães, naturalmente, morriam de medo e de preocupação quando descobriam que seus filhos tinham usado de qualquer subterfúgio para sumir de casa e entrar na guerra. Mas mulheres... ora, eram mesmo umas medrosas, uma cagonas, que não sabiam apreciar o sabor de uma boa briga. Pois se nem de capação de touro elas entendiam, como é que iam entender o prazer de participar de batalhas mortais entre bandos e barras.

Brigávamos também com bandos de brasileiros – e os uruguaios tinham suas ‘*peleias*’ com barras de uruguaios. Mas isso não tinha a mesma graça de um combate entre dois países, que relembra as inúmeras guerras e revoluções em que gaúchos e castelhanos se entreveraram em luta durante séculos, ao longo da fronteira.

Hoje, da perspectiva que tenho, vejo o quanto essas práticas eram primitivas. Só que nós éramos FORÇADOS a elas. Nossos pais, exagerando e aumentando seus pretensos feitos heróicos estimulavam nossa ferocidade no combate, nos faziam desejar sermos ainda mais machos. A premência com que nos jogávamos ao combate com nossos vizinhos e amigos, com que eu combatia meus primos uruguaios que faziam parte de uma das ‘barras’ do outro lado, era uma manifestação a mais da grande manipulação a que todos éramos submetidos.

295

O culto à tradição gaúcha, onde o homem é visto como um verdadeiro centauro, um combatente colado a seu cavalo fiel e arisco, sempre pronto para alguma disputa - seja de uma carreira de cavalo em cancha reta, seja de um briga de “planção” [luta onde os dois contendores se golpeiam com facões, mas sem usar a ponta e o corte da arma, batendo somente de “plancha”, com a lâmina, de modo a não provocar cortes sérios, somente “lanhos”, isto é, arranhões], seja numa guerra ou revolução - só hipertrofiou a figura guerreira desse macho combatente mais e mais.

Nós comprávamos essa idéia desde a mais tenra idade. O arquétipo

do guerreiro heróico nos era imposto com ainda maior força e severidade: éramos gaúchos, tínhamos uma tradição guerreira a zelar. Por isso lutávamos tanto, por isso transformávamos nossa amistosa convivência com nosso vizinhos e parentes uruguaiois em uma ou duas guerras campais por mês. Era a nossa chance de provar que éramos machos de forma organizada e previsível, com data, hora e local combinados, nossa oportunidade máxima de documentarmos nossas participações nas refregas com os tão cobiçados cortes e contusões, que podiam conduzir a uma feia cicatriz, a uma maravilhosa bandagem numa cabeça apedrejada, ou, como aconteceu comigo, a um braço quebrado na típóia. Nossos galardões, nossas comendas a serem exibidas com orgulhos aos outros meninos e rapazes, para que nos admirassem como grandes machos que prováramos ser.

Não nos importava a apreciação das meninas. Não lutávamos por causa delas, não exibíamos nossas marcas de guerra a elas, que não eram capazes de entender a nobreza do nosso caráter guerreiro, pois se nem mesmo de capação de touro entendiam! As meninas, como nossas mães e parentas, desaprovavam nossa conduta belicosa. Medrosas, covardes, pensávamos nós, com desdém.

Não, até aquela idade não dávamos a mínima para as meninas. Afinal, ainda não as desejávamos sexualmente, com as raras exceções dos mais precoces. Por isso não nos exibíamos para elas. Era tudo “coisa de homem”. Mostrávamos nossas marcas de batalha aos outros homens, como alguns orgulhosos halterofilistas e fisiculturistas exibem hoje suas montanhas hipertrofiadas de músculos - somente para os outros

296

homens, já que as mulheres, pelo geral, acham que esses tipos brutamontes são um bocado feios.

Arquétipos, paleolítico e neolítico

Arquétipos são figuras do Inconsciente Coletivo, como postulou Carl Gustav Jung. Milênios de um tipo de cultura embasam essas figuras, que ficam impregnadas num nível muito profundo do inconsciente individual de cada pessoa - e, portanto, de todas as pessoas, coletivamente. O Herói, O Guerreiro, o Grande Pai Terrível, A Grande Mãe, A Bela, A Fada Madrinha, A Bruxa Malvada são algumas dessas figuras. São sempre as mesmas figuras e, por isso, aparecem em todas as culturas que tenham uma mesma base de formação.

Assim, para sociedades que passaram da economia caçadora-coletora do paleolítico para a sociedade agricultora do neolítico, desde cerca de 10 000 anos atrás, o arquétipo do Grande Pai Terrível é completamente consolidado, uma vez que tipifica a figura todo-poderosa do Patriarca. Contudo, nas raras sociedades que permaneceram caçadoras-coletoras até hoje, em pleno século 21, sem nunca terem se tornado agricultoras, esse arquétipo não tem presença dominante.

Como exemplo, podemos citar um grupo humano muito bem estudado,

que vive na ilha *Kitava*, uma das Ilhas Trobriand, arquipélago que pertence ao país Papua Nova Guiné. Caçadores-coletores convictos, seus habitantes nunca quiseram aderir à prática agrícola, muito mais trabalhosa e de pouca diversificação alimentar. Conseqüentemente, jamais incluíram em sua alimentação os produtos da agricultura: os grãos (cereais e leguminosas) e seus derivados, os farináceos; e também os laticínios, os óleos vegetais, os açúcares e, obviamente, os alimentos industrializados. Os habitantes de Kitava chamaram a atenção dos médicos e cientistas porque não existe entre eles nenhuma das nossas assim chamadas doenças degenerativas ou doenças da ‘civilização’. Não há e nunca houve nenhum caso de doença cardiovascular; não há obesidade, pois nenhum habitante tem sequer excesso de peso; jamais houve qualquer caso de síndrome metabólica, diabetes, colesterol, triglicérides ou pressão altos; não há qualquer sinal de perda de

297

memória nas pessoas de idade avançada, quase centenária, que pelo geral têm visão perfeita. Jamais aconteceu qualquer caso de doenças de Crohn, Parkinson ou Alzheimer, nem de esclerose múltipla. Não há prisão de ventre, cálculos renais ou biliares, artrose, artrite e cânceres em geral. Nem mesmo acne essas pessoas sabem o que é.

Homens e mulheres são alegres, bem dispostos, cordiais e hospitaleiros. Suas fontes principais de alimentos são peixes e frutos do mar, carnes magras de caça, muito coco, raízes rústicas, como mandioca e taro (um tipo de inhame), castanhas e frutas, muitas frutas de uma enorme variedade, silvestres, assim como um grande número de verduras nativas de folhas.

Os habitantes de Kitava foram estudados a fundo por diversas equipes médicas, sendo notável o estudo conduzido pela Universidade de Lund, da Suécia. A conclusão a que médicos, antropólogos e nutricionistas chegaram é que o incrível grau de saúde dessas pessoas deve-se ao tipo de alimentação natural que elas seguem, que é a mesma sob a qual foi formado o genoma humano, durante dois milhões e meio de anos, a que os cientistas deram o nome de *dieta paleolítica*.

Segundo esses pesquisadores, o organismo humano ainda não conseguiu se adaptar bem à enorme e súbita mudança trazida pela alimentação baseada em cereais, leguminosas e laticínios, principalmente. Nosso genoma não mostra adaptação, com nosso organismo apresentando um grande número de reações alérgicas às proteínas e lectinas (glicoproteínas) presentes nos nossos alimentos atuais, reações essas crônicas nas sua maioria - mas algumas podem se apresentar em fase aguda, como a intolerância à lactose ou ao glúten dos cereais (doença celíaca). Essa discordância genética provoca o que denominei *O Desequilíbrio Essencial* da dieta contemporânea. Tive a oportunidade de desenvolver esse assunto do ponto de vista nutricional e da dieta paleolítica num dos livros que publiquei em 2008, *A Sopa Química: Nossa Alimentação Suicida, Vol 1 - o Desequilíbrio Essencial - Milton Maciel (IDEL, 2008)*. Contudo, há na população de Kitava muito mais coisas importantes além do extraordinário nível de saúde coletiva.

Para mim o mais notável é ver uma sociedade não-agricultora em pleno funcionamento, com toda a sua dinâmica de convívio social. Ora, como as mulheres não foram escravizadas à lavoura e não se tornaram parideiras seriais, não existe predomínio de um dos gêneros sobre o outro. Meninas e mulheres não são submetidas a tabus sexuais, incluindo-se aí o da virgindade. Usando um pequeno trecho do livro citado, quero chamar a atenção de leitoras e leitores para (pg. 66):

“O advento da agricultura provocou a escravização da mulher e da criança ao macho patriarcal. A mulher paleolítica dispunha de um estatus social muitíssimo superior ao de sua descendente agricultora do neolítico; as famílias, sempre pequenas, eram geralmente matrilineares. Pois bem, as mulheres das Ilhas Trobriand não são agricultoras ainda. Sendo assim, a herança nas Ilhas vem pela linha materna (matrilinear) e as mulheres gozam de grande respeito e liberdade, inclusive sexual. Elas são, inúmeras vezes, as chefes que detêm o controle pleno sobre a vida tribal. É preciso dizer mais alguma coisa?”

Fiz questão de incluir duas páginas sobre esta que é umas das poucas sociedades não-agricultoras que ainda restam no mundo, para mostrar que os arquétipos são construídos e consolidados em nosso inconsciente em função do tipo de *organização social*, a qual, por sua vez, depende criticamente da *base econômica* da sociedade.

Arquétipos do Pai

Os arquétipos que formam o Complexo-Pai, em nosso inconsciente coletivo da sociedade agrícola patriarcal, são o *Herói* e o *Sênex* (*velho* em latim, onde não existe acento circunflexo, é claro). O *Sênex* é o *Grande Pai Terrível*, ou o *Velho Castrador*, simbolizado pelo deus grego Cronos (sincretizado pelos romanos com seu deus Saturno), que devorava seus filhos recém-nascidos para que eles não viessem um dia destroná-lo da posição de deus maior, como ele havia feito com seu pai, Urano.

Só que, numa sociedade paleolítica, o grande pai Terrível *ainda não existe*. Na verdade, durante milênios, não existiu nem mesmo o conceito de *pai*! Ou seja, os homens não sabiam que tinham algo a ver com o

nascimento dos filhos das mulheres. Estas ficavam grávidas por efeito de algum desígnio dos deuses, da influência da Lua, ou porque se banhavam durante a maré cheia. Não havia ainda o Grande Pai Terrível porque não havia nem mesmo o Pai.

Todo filho era um legítimo *filho da mãe*. E não era filho dessa coisa conceitualmente inexistente, o pai, algo ainda não associado àquele companheiro eventual da mãe.

Ora, o Velho Castrador, o Grande Pai Terrível, tipifica perfeitamente, como arquétipo, aquilo que viria a ser chamado, a partir de Sigmund

Freud, de *Superego*. E esse arquétipo do patriarca é uma criação da sociedade neolítica agricultora, a grande castradora da mulher. “Creio em Deus PAI, todO-poderosO...” Realmente, é o grande cara BRANCO barbudo lá do céu, com seus ataques furibundos de cólera e destruição, sua exigência de adoração cega, senhor dos castigos exemplares dos extermínios, das pestes, das fomes - o cara para ser realmente temido: “Temerás o Senhor teu Deus...”

Nas sociedades matrilineares não existem tais tipos de deuses-pais terríveis. Predominam as deusas-mães, que representam a fertilidade e a continuação da vida. Deuses e deusas tendem a ser criados, sempre à imagem e semelhança dos humanos, em proporções iguais, tal como acontece nas populações humanas.

Mas as deusas foram eliminadas ou subjugadas pelos deuses, como se pode ver magistralmente na cosmogonia e na criação do panteão dos deuses gregos. Os povos guerreiros agricultores invadiram e subjugaram os pacíficos coletores-caçadores e trocaram suas deusas de fertilidade e seus deuses de paz e prosperidade pelas figuras terríveis dos deuses machos guerreiros e autoritários.

A consagração dos mitos dos deuses Olímpicos retrata a consolidação da substituição da deusa pelo deus-macho. Gaia é submetida pelo macho Urano que criara, Cronos submete e anula Gaia e Rea, Zeus submete as deusas e mulheres à sua vontade e sua luxúria. Há o engolimento da deusa Métis, a substituição da deusa Isis, mensageira dos deuses, por Hermes, o trapaceiro, como novo

300

mensageiro das divindades. Pronto, está consolidada a revolução agrícola do neolítico e seus deuses guerreiros retratam muito bem o avanço dos povos agricultores e guerreiros do Norte sobre o Sul pacífico, coletor-caçador.

Os deuses engoliram as deusas: os homens escravizaram as mulheres. O guerreiro agora era uma realidade constante, para proteger as terras agricultadas, para invadir e tomar as terras, colheitas, animais e mulheres de outros grupos humanos. E para exterminar e escravizar homens para as lavouras sem fim.

Esse arquétipo, o do Guerreiro, comandado pelo Grande Pai Terrível, o Patriarca, foi o que nós, os pequenos gaúchos da fronteira, brasileiros e uruguaios, tivemos que engolir, *muito antes de termos nascido*, para falar a verdade. *Arquétipo não é ensinado, nasce com a gente*. Está no inconsciente da espécie humana.

O buraco é mais embaixo... Sim, é no inconsciente!

Com essa frase popular quero chamar a atenção para a complexidade da empreita que é lutar pela igualdade de direitos para as mulheres. Não se trata apenas de resistir e reagir. A coisa é muito mais difícil, porque *existe uma sociedade patriarcal machista completa dentro de cada um e de todos nós, tanto individual quanto coletivamente, em nível*

profundamente automatizado e inconsciente. Nós apenas reagimos a seus arquétipos, como computadores previamente programados.

Nós, machinhos gaúchos, éramos obrigados a sermos fortes, insensíveis (*obviamente: homem não chora!*), agressivos, competitivos, e... machões! Tínhamos que competir e superar os outros machos. Ter mais força, membro maior, ejaculação mais volumosa, que se projetava a maior distância. E, com essa “mística” troglodita do pênis, entrávamos na puberdade e passávamos a ter interesse diferente pelas mulheres.

Elas agora, seres inferiores que eram, deveriam cumprir um novo papel: nos serviriam sexualmente, desfrutando a honra e glória de adorar nossos falos imensos de Príapos da Fronteira: “*Bah, tchê, quanto maior, melhor, mais elas gostam, ficam lôcas.*” E nós, idiotazinhos, comprávamos essa mística do pênis enorme, bem do jeito que a vendiam para nós.

(interrompe-se o texto aqui)

NOTA FINAL:

Ora, direis, ouvir... gaúchos

Sim, direis, isso foi em outra era geológica, anos 1950-60, o mundo evoluiu, as mulheres se emanciparam, os meninos não são mais treinados para serem guerreiros. O que essa longa história da Fronteira tem a ver com os nossos dias?

Ah, você acha que tudo mudou mesmo? Está certo. Então vamos dar uma chegadinha a uma maravilha da modernidade, uma *Delegacia da Mulher!* Lá uma delegada paciente vai deixar você ficar um dia inteiro ouvindo as queixosas e vai lhe dar acesso a todos os prontuários. Vamos aproveitar e dar uma olhada também nas estatísticas sobre os casos de abuso sexual, incesto, estupro e curras, em nível nacional e mundial.

Pois eu lhe digo, amiga ou amigo, a coisa não mudou tanto assim, não. Hoje se denuncia mais. Mesmo assim, você sabe, a imensa maioria dos casos continua sem denúncia, processo e punição.

Minha pequena cidade, que deixei aos 14 anos, cresceu muito nesse meio século. Suas estatísticas também. Pois eu tenho a audácia de lhe afirmar: naquele tempo, **não** tínhamos uma violência contra a mulher tão grande como temos hoje. E ousou lhe dizer que você deve, sim, considerar os trogloditinhos em formação - apenas exteriorizando os trogloditas internos patriarcais, dominantes em nosso inconscientes de homens e mulheres - tão presentes em 2009 quanto em 1955. E é por isso que nossa luta para resgatar a dignidade plena da mulher, para devolver a ela tudo que o patriarcado lhe roubou com arbitrariedade, brutalidade e exploração sexual, vai ainda ser muito longa. ***Arquétipos, como os genes, são muito lentos em sua mutação.***

Quero encerrar minha modesta participação nesta obra magistral de

Ellen Snortland insistindo que o fator arquetípico seja considerado. Se nos ativermos apenas ao lado *externo* da luta, em si já tão válido e necessário, ainda vai ser pouco. O *front* mais importante é o *interno*, o psicológico, o arquetípico. Teremos que lutar ao lado das mulheres para combater os estereótipos trogloditas dos nossos companheiros homens abusadores e agressores, enquanto a fronteira maior e mais profunda do combate, a psicológica, precisa ser travada no seio da família, através da mãe descondicionada, do pai descondicionado, quando ocorre de a família ter ainda mãe e pai.

O machismo mais nefasto é o OCULTO.

Os homens mudaram? Sim, mas ainda é muito pouco. Mudaram por compreensão? Não, mudaram porque as mulheres, com imensos sacrifícios, avançaram. Sim, mas ainda é muito pouco. O que nós conseguimos é só a ponta do iceberg. Há muito mais a fazer. E, enquanto isso não se concretiza, precisamos, ao menos, tornar as mulheres mais capazes de resistir à violência verbal, física e sexual dos milhões de trogloditas à espreita nas ruas, nas escolas, nas empresas e - os piores predadores - no recôndito do lar.

Por isso, quando conheci Ellen Snortland em 2006, em Los Angeles e fiquei sabendo do seu livro lapidar, BEAUTY BITES BEAST, disse a ela que eu precisava trazer essa obra para o Brasil e, traduzindo-a, publicá-la e difundi-la até fazê-la acessível a mulheres de todos os cantos deste país.

Quando, em Março de 2009, Ellen pisar o solo brasileiro para divulgar nosso A BELA MORDE A FERA, esse projeto será realidade. E então começaremos uma nova empreitada: conseguir que os *cursos* de força-plena, impacto pleno, sejam ensinados no Brasil, de forma a se tornarem acessíveis a meninas e mulheres de todas as origens e poderes aquisitivos. A esta missão espero dedicar o resto dos meus dias, junto com o trabalho, que já faço, de abordagem ao drama tenebroso da prostituição infantil, através dos meus romances e livros de contos.

Milton Maciel